

## EDITORIAL

*Krisis*. Este é um termo clássico do vocabulário filosófico, que transcende o espaço acadêmico, que se reconstrói e se forja cotidianamente na esfera pública. Uma crise não se refere apenas ao momento do paroxismo, onde as forças e as tendências opostas se elevam até sua mútua eliminação. O presente crítico é o tempo do juízo, o instante oportuno da decisão.

Dizer que o presente político do Brasil é crítico seria mais um lugar-comum, pouco revelador, se com isso referisse exclusivamente o sem fim de decisões equivocadas; os acenos autoritários; a verborragia fundamentalista; o abandono e destruição de políticas públicas; a perseguição a intelectuais, trabalhadores e ativistas; a ameaça à vida de grupos historicamente marginalizados, como a população negra, LGBTQIA+ e às mulheres; o aspecto vulgar dos pronunciamentos oficiais dos agentes públicos; ou o completo desmonte da estrutura do Estado em favor de grupos criminosos que tomam de assalto o poder e colaboram na perpetuação do neoliberalismo avassalador e excludente. Lugar-comum porque a ninguém mais é estranha essa maquinaria da destruição e recusar-se a reconhecer sua existência é mais um sintoma de negacionismo, uma forma de solipsismo que julgávamos, equivocadamente, há muito tempo superada.

Para nós, pesquisadores e estudantes na área da filosofia, assim como para os outros muitos companheiros nos diversos campos das humanidades e das ciências, o tempo é crítico porque é **tempo de decisão**. Como aludira certa vez Theodor Adorno, já experimentamos a barbárie. O mergulho do Brasil, e de outras nações no mundo, em formas de distopias totalitárias, o cenário climático catastrófico, o estado pandêmico permanente em que corremos o risco de ficar, são ultimatoss que não nos permitem descansar na silenciosa e tranquila indiferença. Todos estamos implicados.

É tempo de decidir-se. De colaborar com firmeza e franqueza no debate público que constrói alternativas democráticas e inclusivas. É tempo de assumir com firmeza renovada a defesa da educação pública, gratuita e de qualidade. E é, sobretudo, tempo de ocuparmos com vigor o espaço natural do pensamento e da filosofia: a *ágora*.

Como uma revista acadêmica de filosofia, a Peri talvez tenha um alcance limitado. Mas verdadeiras políticas democráticas surgem das múltiplas alianças e da colaboração de cada sujeito que se reconhece na situação de destituído, despossuído, denegado, subalterno. Como corpo editorial, neste ano em que a revista comemora seus 12 anos de publicação, periódica e ininterrupta,

decidimos repensar nosso modo de inserção nas ágoras da contemporaneidade. Por isso apresentamos ao público leitor uma nova forma de fazer a Peri. Fizemos um novo projeto gráfico e de design que visa tornar a imagem da revista mais adequada a ocupar o espaço virtual, hoje o maior fórum de divulgação científica e filosófica. Repensamos também a estrutura das edições, proporcionando a publicação de dossiês temáticos que, ao longo do ano, se comprometem com as candentes questões do debate público. Também iniciamos nosso projeto de imersão nas mídias sociais com o intuito de abrir canais de diálogo e divulgação filosófica.

Além disso, e talvez como o cerne de nossa atividade e ação política, reafirmamos o compromisso com a defesa da pesquisa acadêmica brasileira. Comprometemo-nos em continuar a publicação de artigos, ensaios, traduções e conferências que possuem a marca da excelência, burilados pacientemente na sua maioria por jovens pesquisadores que contam quase sempre com pouco ou nenhum financiamento, mas que permanecem firmes no seu compromisso com o pensamento crítico.

Assim como tantas outras atividades de pesquisa no Brasil, também a Peri é fruto do trabalho voluntário e comprometido de estudantes. Um trabalho marcado pela rotatividade, haja vista que é condicionado pela permanência desses estudantes no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Santa Catarina. Mas, talvez por isso, uma forma de fazer filosofia plural e diversa, que espelha a multiplicidade de influências, o *background* social, econômico e cultural, a diversidade de opiniões e de ideias de seus editores. Uma revista *estudiantil* que espelha as angústias dos jovens pesquisadores na incerteza do futuro que a atual geração de líderes nos legará. Tomamos posição, assim, desde postulados teóricos, mas também desde a experiência contraditória de iniciar uma carreira de pesquisa em uma conjuntura em que próprio fazer acadêmico é atacado, que a integridade e a vida dos jovens pesquisadores correm risco.

Manifestamo-nos contra toda forma de autoritarismo, totalitarismo e fundamentalismo. Colocamo-nos ao lado da democracia, da pesquisa científica e filosófica, ao lado das minorias excluídas e ameaçadas. E, de nossa parte, continuaremos nosso trabalho, de forma cada vez mais intensa, para garantir um ambiente de circulação de ideias e para ocupar o espaço que diariamente nos é negado: o espaço público, objeto dos esforços de privatização, exclusão, segregação e exploração, aos quais decididamente nos opomos.

Este número da Revista Peri que apresentamos manifesta essas angústias, bem como a pluralidade da pesquisa em filosofia no Brasil e a diversidade do corpo editorial e dos vários pesquisadores que colaboram conosco.

No artigo de Neusa Rudek Onate, *A compreensão constitutiva dos múltiplos significados da existencialidade*, nos deparamos com uma ampla classificação dos sentidos da existência na obra de Martin Heidegger. Também próximo a uma das formas do existencialismo, Tom Menezes Pedrosa em *A noção de liberdade em Beauvoir: até onde vai a influência de Sartre?* nos mostra elementos textuais a fim de compreender a extensão das imbricações entre a obra de Jean-Paul Sartre e a de Simone de Beauvoir, assim como nos dá indicações de como entender o conceito de liberdade no existencialismo francês. Luciane Luisa Lindenmeyer amplia as discussões oriundas da Fenomenologia husserliana, ingressando um campo de debate que vem se consolidando no Brasil que se dá entre aquela corrente filosófica e a filosofia da mente e da consciência, em seu texto intitulado *Fenomenologia e naturalismo: da heterofenomenologia à neurofenomenologia*.

Adriel Fonteles de Moura, em *A pólis e o cidadão katá phýsin: uma leitura sobre a natureza da cidade na República IV de Platão*, faz uma acurada exegese da obra platônica, marcando assim uma das características da Peri, que é pensar problemas da atualidade política a partir dos textos e temas clássicos. O artigo *A problemática da análise econômica de Posner a partir da sociologia compreensiva de Weber*, de autoria de Biatriz Bittencourt de Assis, Itamar Luís Gelain, e Ivan Rezende de Oliveira, propõe uma análise do conceito filosófico de racionalidade na sociologia weberiana, convidando-nos a um debate ampliado, que convida o pesquisador em filosofia ao diálogo também com as ciências sociais e econômicas.

Robério Honorato dos Santos, em *Hanna Arendt: o antissemitismo ideológico e a racionalidade totalitária* nos convida a refletir sobre a permanência de uma racionalidade que é não democrática e que ainda hoje se afirma nas sociedades de massas. Ricardo Araujo Dib Taxi, e Fernanda de Souza Salame propõem uma reflexão sobre uma ética do reconhecimento e da coabitação, tão necessária para a construção de alianças que valorizam a vida e os corpos dos sujeitos, em *Vulnerabilidade e nacionalismo no pensamento de Judith Butler*.

Uma outra leitura da importância que o corpo assume na cultura contemporânea é apresentada por Felipe Augusto Kopp em *El vicio de la ocularidad en el desarrollo de las tecnologías de*

*visualización médica del cuerpo*, onde desde Gaston Bachelard evidencia a proeminência do olhar no processo de produção da realidade objetiva no Ocidente.

No artigo *On the role of the simple natures in Descartes' metaphysics*, Willian Teixeira de Jesus, debatendo com o argumento de Jean-Luc Marion, analisa as relações entre conceitos epistemológicos e ontológicos na obra de Descartes, bem como o processo de construção argumentativa sobre as relações entre o *cogito* e natureza, um dos problemas constituintes da filosofia moderna.

Ao fim, Silvério Becker nos apresenta uma tradução inédita do texto do filósofo e educador norte-americano Asa Mahan, chamado *Classificação das faculdades mentais*, que nos apresenta um contraponto à elaboração proposta por Immanuel Kant.

São várias pesquisas acuradamente realizadas, de temas relevantes e debates que, desde nosso lugar de fala que é a produção acadêmica em filosofia, pretende oferecer sua colaboração na defesa e na luta por direitos, e na construção da Universidade pública e de qualidade com a qual sonhamos.

**Corpo Editorial  
Revista Peri**